

*Pawana,*  
J.M.G. Le Clézio



# Linha do tempo



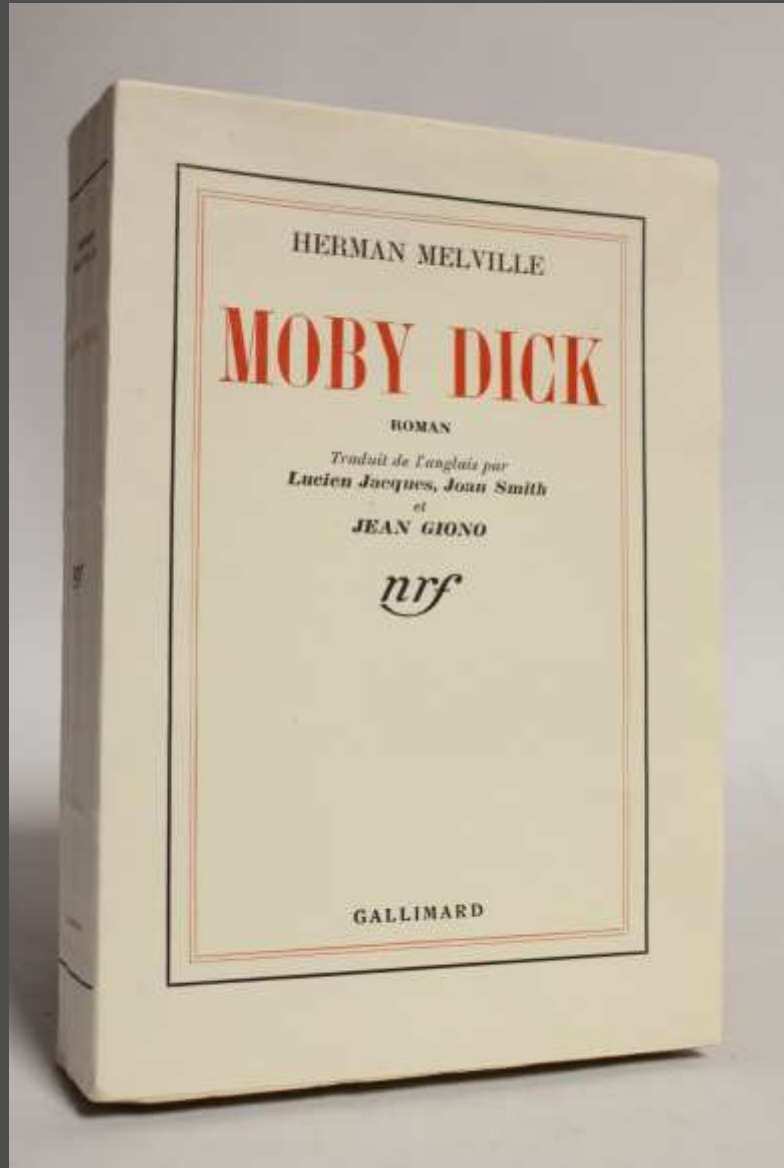
1940: Nascimento de Le Clézio;

1941: Edição de *Moby Dick* pela Gallimard, traduzido por Lucien Jacques, Joan Smith e Jean Giono (*O homem que plantava árvores*), este também autor do prefácio;

1956: Lançamentos, no cinema, de *Moby Dick*, de John Huston, e *Le monde du silence*, de Jacques Cousteau, James Dugan e Louis Malle;

1962: Publicação de *Le sillage de la baleine* (*O despertar da baleia*), de Francisco Coloane;

1971-1973: Criação do Greenpeace;





FRANCISCO  
COLOANE  
Le Sillage  
de la  
baleine

*Libretto*



## Linha do tempo

1982-1984: Regulamentação internacional para a pesca das baleias;

1986: O Greenpeace lança uma vasta campanha de proteção das baleias;

1988: (ano da criação de *Pavana para o teatro*): Publicação de *O planeta das baleias*, de Jacques Cousteau e Yves Paccalet;

1989: Publicação de *Le monde du bout du monde* (O mundo do fim do mundo), de Luis Sepulveda;



# LA PLANÈTE DES BALEINES



Jacques-Yves COUSTEAU  
Yves PACCALET

ROBERT LAFFONT



**LUIS SEPÚLVEDA**  
le monde du bout  
du monde

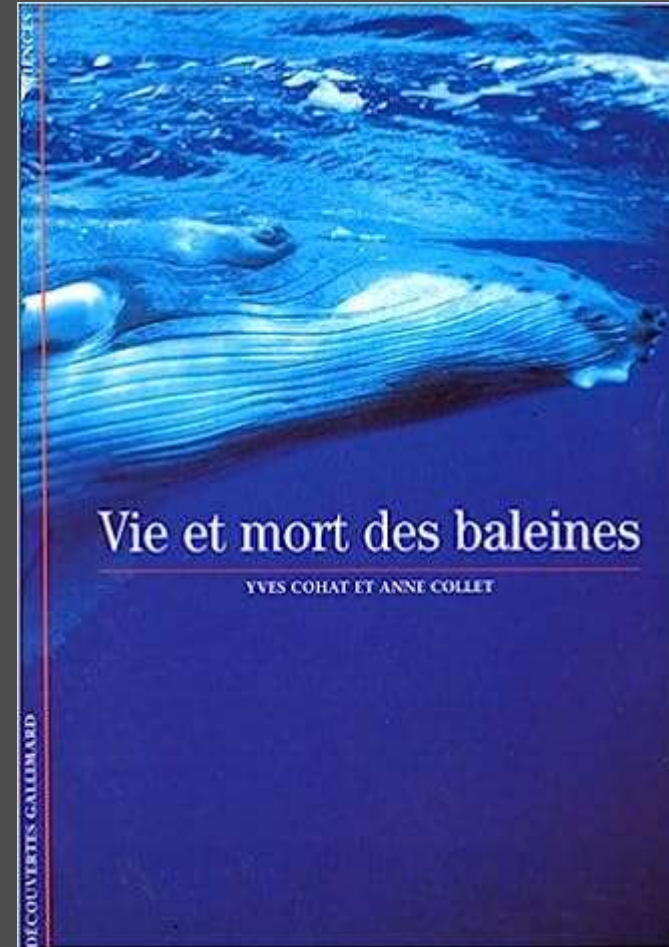
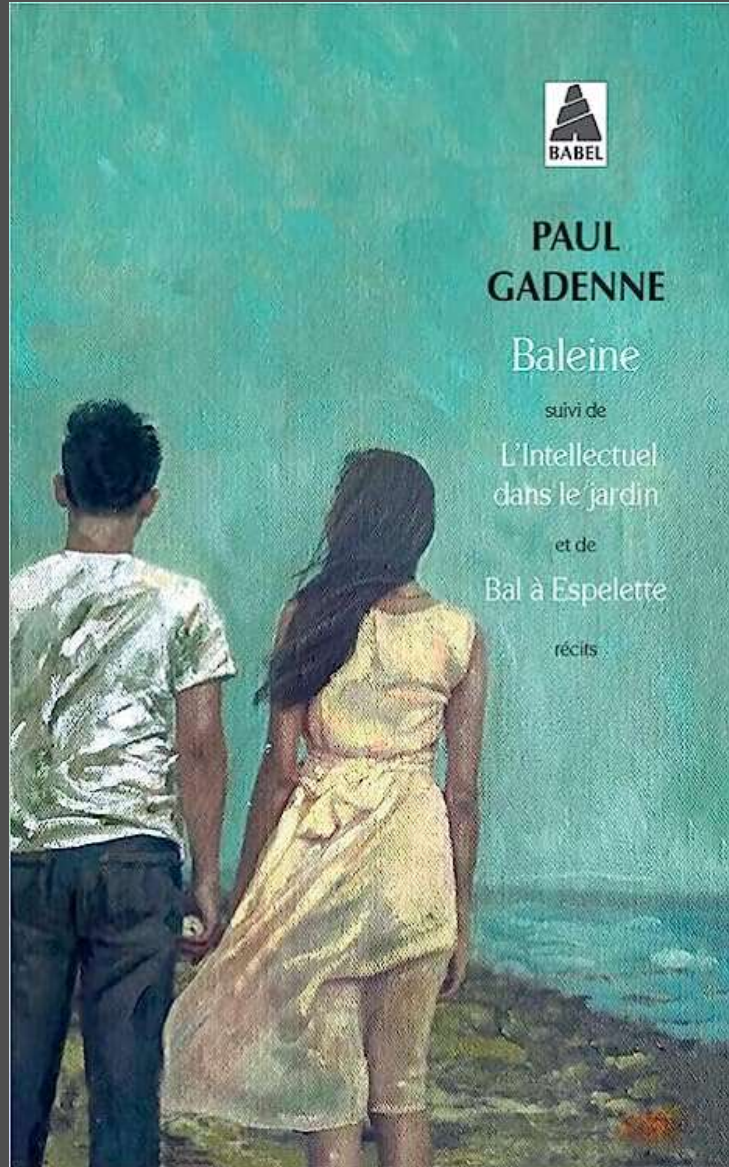
POINTS

## Linha do tempo



1992: (mesmo ano do lançamento de *Pawana* em livro):  
Publicação de *Baleine*, de Paul Gadenne;

1995: Publicação de *Vie et mort des baleines*, de Yves Cohat.





# 1 - John, de Nantucket



- As primeiras páginas de *Pawana* têm por função incitar o leitor a aceitar uma viagem rumo ao desconhecido;
- Assim como Jonas viveu a aventura de adentrar o ventre da baleia; o leitor empreenderá uma viagem singular pelo ventre das palavras;
- Depois de fechado, o livro “depositará na praia” um ser que não é mais o mesmo.

# Nantucket



- Palavra nativa americana que provavelmente significa “terra distante” ou “solo arenoso e estéril que não tenta ninguém” (Enciclopédia Britânica);
- John, de Nantucket/John Nattick;
- O jovem e o velho (dentro do jovem branco John de Nantucket, há o velho indígena John Nattick – Na(n)t(u)ck(et);
- Identificação; cf. “Meu tio, o Iauaretê”, de Guimarães Rosa;
- Wauwinet: aldeia batizada com o nome de um antigo líder indígena local;

## *Incipit liber* (Assim começa o livro)



- *Foi no começo (...) nada a não ser a luz do Sol: o mito da criação, o esplendor de um mundo nativo;*
- *As repetições (começo/começo; aonde/aonde), os jogos de linguagem (tudo começava/tudo acabava), o lirismo do “lugar secreto” evocam o *Gênesis* da Bíblia;*
- *A cena da origem (Haroldo de Campos);*
- *O nome do tio, Samuel;*

## *Incipit liber* (Assim começa o livro)



- John tem 8 anos neste momento; Le Clézio tinha 7 ao viajar para a Nigéria por mar;
- Rapidamente, se passa do lirismo da enunciação ao modo do *Gênesis* à violência das imagens de um verdadeiro *Apocalipse*;
- Vida e morte; beleza e destruição; doçura e dor;



## *Incipit liber* (Assim começa o livro)



- A evocação do passado e a sordidez do presente;
- A evocação das baleias se dá pelo nascimento (parir seus filhotes) e pela morte (o mar cor de sangue);
- Após o sonho do menino John, o jovem John volta à realidade: o duro massacre das baleias;

## O jogo dos estratos temporais: Agora X Foi a pela primeira vez



- O enunciado (lá-então): a infância de John;
- A enunciação (aqui-agora): a sua vida adulta;
- A astúcia da enunciação: ao final do livro, ficamos sabendo que John está velho, e o novo século (o século XX) está começando;
- O passeio aos 8 anos, a pequena aventura no mar aos 10, o embarque no Léonore, aos 18, o encontro com Araceli;
- Um destino intimamente ligado ao mundo das baleias;

# Nantucket, John Nattick



- As camadas temporais;
- A narração de uma idade do ouro e as narrativas do velho John Nattick, único sobrevivente de uma comunidade indígena dizimada;
- Os pescadores riem dele;
- O massacre dos gigantes pawana e o extermínio dos indígenas de Nantucket, por doenças, pela violência e pelo álcool;

## 2 - Charles Melville Scammon



O jogo entre enunciado e enunciação:

- Enunciado: ... ainda me lembro daquele 1º de janeiro de 1856, quando o Léonore saiu de Punta Bunda, em direção ao sul;
- Enunciação: Eu, Charles Melville Scammon, neste ano de 1911, quando já me aproximo do final de minha vida...





## A persona do capitão

- **Eu, Charles Melville Scammon** (...), ainda **me** lembro (...);
- O orgulho de Charles X a modéstia de John (simples marinheiro cujo nome de família não tem importância);



## A âncora dos sentidos

- As palavras do capitão são mais precisas do que as de John;
- Ele fala de datas (1856, 1911), de marcos geográficos (Punta Bunda, a costa da Califórnia mexicana, o deserto de Vizcaino), de alguns personagens (o contramestre Thomas e o segundo capitão M. Roys);
- O discurso do capitão está ancorado na realidade; o discurso de John está impregnado de nostalgia e de lirismo;



## O sentido da busca

- “O capitão e o marinheiro estão atrás do mesmo lugar secreto, mas aquele local assume uma significação diferente para cada um;
- O capitão quer enriquecer; o marinheiro, viver uma grande aventura;
- Trata-se de tesouros diferentes;

# Uma canção desnaturada



- “Alegrem-se rapazes, meus rapazes, não percam a coragem, enquanto o valente arpoador ataca uma baleia”. (Canção de Nantucket);



Mocha Dick  
(île de Mocha,  
Chile), Moby-  
Dick



### 3 – John, de Nantucket



John evoca com um sentimento de impotência e de desordem:

- A matança das baleias, a destruição do lugar secreto, o amor perdido por Araceli;
- O massacre das baleias e a morte de Araceli são manifestações da mesma pulsão destrutiva;
- Aquela pulsão que empurra o ser humano para a destruição da pureza, da inocência e da beleza do mundo;

## 4 – Charles Melville Scammon



- A confissão do capitão;
- Ele adquire a consciência do massacre;
- Ele reconhece (*anagnorisis*) ter se lançado rumo a um caminho de destruição e de insensibilidade;
- “Acho que já não tínhamos alma, não sabíamos mais nada da beleza do mundo”;

## A convergência dos pontos de vista



- Após agir por cupidez, o capitão compreende que a natureza guarda tesouros que ultrapassam a lógica mercantil;
- E os olhos dele se encontram com os olhos do jovem marinheiro:
- “Lembro-me do olhar do garoto que estava com a gente, que me encarava com uma pergunta sem resposta. Hoje eu sei que pergunta era essa [não se usa “aquela”], a explicação que ele me pedia: como alguém pode matar o que ama?

# O ventre do mundo, o ventre da terra



Anáfora do verbo pensar:

- Penso na proa da chalupa, penso no gigantesco salto da fêmea, penso nas lágrimas do garoto, penso nele...

A transformação do pensamento em sonho:

- “Hoje sonho com isso, como antigamente eu sonhava em abrir essa passagem”



## O movimento trágico

“Penso nele, como se eu pudesse parar o curso do tempo, parar a proa da chalupa, **fechar** a entrada da passagem. Hoje sonho com isso, como antigamente eu sonhava em **abrir** essa passagem”.

- A falha trágica: abrir (e a impossibilidade de fechar);
- O círculo inescapável;



# O movimento trágico



- O prantear dos mortos;
- “A tragédia é um poema (representado) sobre um túmulo”, definição atribuída a Teofrasto (372-285 a.C.), discípulo de Aristóteles.
- A celebração de um morto, em torno de um túmulo.
- O kómmós trágico: “um canto lamentoso, executado [alternadamente] pelo coro e [por atores] da cena, Aristóteles, *Poética*, XII.

## O mito de origem



- Ao se recordar da barbárie, o capitão se arrepende e revive em pensamento o encantamento da primeira manhã em que descobriu o santuário;
- Então, o romance termina como começou: pela evocação nostálgica de um paraíso perdido.

## É a vida que se mata



- A beleza das palavras finais do romance não nos devem fazer esquecer da barbárie;
- O capitão alude às baleias usando o campo lexical dos animais, mas, ao final do texto, ele faz uso do campo lexical dos seres humanos: “Quantas crianças mortas no próprio ventre da mãe?”;
- Destruindo para sempre o segredo da origem do mundo, é a vida mesmo que se mata.



## Campos semânticos e campos lexicais

- Campo lexical: a vida que se mata (não se trata de um embate entre vida e morte, a meu ver);
- “A morte veio dos homens”; “Como alguém pode matar o que ama?”;
- Campos semânticos: segredo, mistério (entrever), refúgio, ventre, Sol;
- O Sol por testemunha; Nada de novo sob o Sol;



## Campos semânticos e campos lexicais

- Disputa de pontos de vista: sonho (para o capitão, poder e cupidez – “Eu vim em busca do ouro”; para John, contemplação). “O sonho da razão produz monstros”, Goya.
- Campos semânticos: carcaça, esqueleto, ossada;
- Sugestões para a cenografia: a carcaça, o sol por testemunha;
- “Ouvir o lamento das ossadas”;

# Bibliografia



- LE CLÉZIO, Jean-Marie Gustave. *Pawana*. Texte e dossier. Paris: Gallimard, 2003. Colection La bibliothèque Gallimard. Lecture accompagnée par Bruno Doucey, professeur certifié de lettres modernes.